

LITTERATURA

O IMMORTAL

I

- Meu pae nasceu em 1600...
 — Perdão, em 1800, naturalmente...
 — Não, senhor, replicou o Dr. Leão, de um modo grave e triste; foi em 1600.

Estupefacção dos ouvintes, que eram dous, o coronel Bertioga, e o tabellião da villa, João Linhares. A villa era na provincia fluminense; supponhamos Itaborahy ou Sapucaia. Quanto á data, não tenho duvida em dizer que foi no anno de 1855, uma noite de novembro, escura como breu, quente como um forno, passante de nove horas. Tudo silencio. O lugar em que os tres estavam era a varanda que dava para o terreiro. Um lampião de luz frouxa, pendurado de um prego, sublinhava a escuridão exterior. De quando em quando, gania um secco e aspero vento, mesclando-se ao som monotonico de uma cahoeira proxima. Tal era o quadro e o momento, quando o Dr. Leão insistiu nas primeiras palavras da narrativa.

— Não, senhor; nasceu em 1600.

Medico homœopatha, — a homœopathia começava a entrar nos dominios da nossa civilisação, — este Dr. Leão chegára á villa, dez ou doze dias antes, provido de boas cartas de recommendação, pessoas politicas. Era um homem intelligente, de fino trato e coração benigno. A gente da villa notou-lhe certa firmeza no gesto, algum retrahimento nos habitos, e até uma tal ou qual sequidão de palavras, sem embargo da perfeita cortezia; mas tudo foi attribuido ao acanhamento dos primeiros dias e ás saudades da Côrte. Contava trinta annos, tinha um principio de calva, olhar baço e mãos episcopaes. Andava propagando o novo systema.

Os dous ouvintes continuavam pasmados. A duvida fora posta pelo dono de casa, o coronel Bertioga, e o tabellião ainda insistiu no caso, mostrando ao medico a impossibilidade de ter o pae nascido em 1600. Duzentos e cincoenta e cinco annos antes! dous seculos e meio! Era impossivel. Então, que idade tinha elle? e de que idade morreu o pae?

— Não tenho interesse em contar-lhes a vida de meu pae, respondeu o Dr. Leão. Fallaram-me no macrobio que mora nos fundos da matriz; disse-lhes que, em negocio de macrobios, conheci o que ha mais espantoso no mundo, um homem immortal...

— Mas seu pae não morreu? disse o coronel.

— Morreu.

— Logo, não era immortal, concluiu o tabellião triumphante. Immortal se diz quando uma pessoa não morre, mas seu pai morreu.

— Querem ouvir-me?

— Homem, pôde ser, observou o coronel meio abalado. O melhor é ouvir a historia. Só o que digo é que mais velho do que o Capataz nunca vi ninguem. Está mesmo caindo de maduro. Seu pai devia estar tambem muito velho...?

— Tão moço como eu. Mas para que me fazem perguntas soltas? Para se espantarem cada vez mais, porque na verdade a historia de meu pai não é facil de crer. Posso contar-a em poucos minutos.

Excitada a curiosidade, não foi difficil impôr-lhes silencio. A familia toda estava accommodada, os tres eram sós na varanda, o Dr. Leão contou enfim a vida do pai, nos termos em que o leitor vai ver, se se der o trabalho de ler o segundo e os outros capitulos.

II

— Meu pai nasceu em 1600, na cidade do Recife. Aos vinte e cinco annos tomou o habito franciscano, por vontade de minha avó, que era profundamente religiosa. Tanto ella como o marido eram pessoas de bom nascimento, — « bom sangue, » como dizia meu pai, affectando a linguagem antiga.

Meu avó descendia da nobreza de Hespanha, e minha avó era de uma grande casa do Alemtejo. Casaram-se ainda na Europa, e, annos depois, por motivos que não vêm ao caso dizer, transportaram-se ao Brazil, onde ficaram e morreram. Meu pai dizia que poucas mulheres tinha visto tão bonitas como minha avó. E olhem que elle amou as mais esplendidas mulheres do mundo. Mas não antecipemos.

Tomou meu pai o habito, no convento de Igua-rassú, onde ficou até 1639, anno em que os hollandezes, ainda uma vez, assaltaram a povoação. Os frades deixaram precipitadamente o convento; meu pai, mais remisso do que os outros (ou já com o intento de deitar o habito ás ortigas), deixou-se ficar na cella, de maneira que os hollandezes o foram achar no momento em que recolhia alguns livros pios e objectos de uso pessoal. Os hollandezes não o trataram mal. Elle os regalou com o melhor da ucharia franciscana, onde a pobreza é de regra. Sendo uso d'aquelles frades alternarem-se no serviço da cosinha, meu pai entendia da arte, e esse talento foi mais um encanto ao parecer do inimigo.

No fim de duas semanas, o official hollandez offereceu-lhe um salvo-conducto, para ir aonde lhe parecesse; mas meu pai não o acceitou logo, querendo primeiro considerar se devia ficar com os hollandezes, e, á sombra d'elles desamparar a Ordem, ou se lhe era melhor buscar vida por si mesmo. Adoptou o segundo alvitre, não só por ter o espirito aventureiro, curioso e audaz, como porque era patriota, e bom catholico, apezar da repugnancia á vida monastica, e não quizera misturar-se com o herege invasor. Acceitou o salvo-conducto e deixou Igua-rassú.

Não se lembrava elle, quando me contou essas cousas, não se lembrava mais do numero de dias que despendeu sosinho por lugares ermos, fugindo de proposito ao povoado, não querendo ir a Olinda ou Recife, onde estavam os hollandezes. Comidas as provisões que levava, ficou dependente de alguma caça sylvestre e fructas. Deitára, com effeito, o habito ás ortigas; vestia uns calções flamengos, que o official lhe dera, e uma camisola ou jaquetão de couro. Para encurtar razões, foi ter a uma aldêa de gentio, que o recebeu muito bem, com grandes carinhos e obsequios. Meu pai era talvez o mais insinuante dos homens. Os indios ficaram embeicados por elle, mormente o chefe, um guerreiro velho, bravo e generoso, que chegou a dar-lhe a filha em casamento. Já então minha avó era morta, e meu avó desterrado para a Hollanda, noticias que meu pai teve, casualmente, por um antigo servo da casa. Deixou-se estar, pois na aldêa, com o gentio, até o anno de 1642, em que o guerreiro falleceu. Este caso do fallecimento é que é maravilhoso: peço-lhes a maior attenção.

O coronel e o tabellião aguçaram os ouvidos, enquanto o Dr. Leão extrahia pausadamente uma pitada e inseria-a no nariz, com a pachorra de quem esta negaceando uma cousa extraordinaria.

MACHADO DE ASSIS.

(Continúa)

CIVILIDADE

OS RETRATOS

Está de tal modo arraigado o uso de troca de retratos, que não vem fóra de proposito dizer o que a civilidade exige nessas circumstancias particulares.

Nunca se offerecem, excepto o caso de parentesco proximo e intimo e quando o pedido é feito de um modo especial, photographias grandes, chamadas de gabinete, ou medalhões, que se não podem collocar n'um album.

Só a familia ou uma amiga intima tem o direito de possuir o vosso retrato, leitora, na parede do seu quarto.

Regra geral e absoluta: nunca devemos dar o nosso retrato, mesmo para o album, sinão quando nol-o houverem pedido.

Um homem não deve fazer-se rogado e deixar uma senhora insistir nesse assumpto; deve acquiescer promptamente a esse desejo, considerando-se muito honrado.

Além disso, uma senhora não repete semelhante pedido, si não é immediatamente satisfeita, sobretudo quando se tracta de um moço.

Quando porém o homem é edoso, a insistencia é admissivel.

Um homem não falta á polidez pedindo a uma senhora o seu retrato; esta geralmente recusa, a menos que se não tracte de um caso excepcional, como parentesco, a idade, a posição, etc.

Uma moça não o dá nunca a um moço, a menos que elle não seja seu noivo.

Quando nos pedem o nosso retrato dão-nos uma prova de interesse e é por isso que nos devemos apressar em corresponder a essa gentileza.

Receber o retrato de uma amiga sem dar o seu, é contrahir uma divida, que só pôde ser paga na mesma moeda.

Um homem não deve offerecer a uma senhora o seu retrato n'uma posição muito familiar.

Em resumo, essa troca de uma lembrança, que nada pôde substituir, é uma das mais bellas innovações do nosso tempo.

Muitos clamam contra o abuso. Eu, por mim, julgo-o improcedente.

Nós sentimos todos, — não é verdade? — um prazer mais ou menos intenso, mas sempre vivo, em receber os retratos das pessoas com quem entretemos relações.

As affeições da sociedade são ephemerias; as circumstancias da vida, mil outros motivos rompem os laços; mais tarde o album se transforma n'um livro de lembranças animado.

Folheando-o, sentimos ante essas figuras conhecidas, amadas ás vezes, ás vezes tambem indifferentes, destestadas, todas as impressões dos annos passados... Este morreu moço; que saudades não deixou!... Esta amiga casou-se e partiu; não a vimos mais!... Oh! Como esta era bonita! que differença para hoje! Mais adiante está outro retrato tirado dez annos depois! mudou muito!... Mas de repente apresenta-se uma physionomia que não sabemos quem seja!... Um desconhecido! Coitado do que passou em nossa vida, em nosso album, sem deixar o menor vestigio em nossa memoria!

E' assim que tornamos a vêr o passado, que evocamos recordações, ora alegres, ora tristes, bem tristes!

LUIZA D'ALQ.

HYGIENE

(Continuação)



FAMILIA ARABE N'UM CAFÉ

se devem succeder os exercicios musculares (gymnastica do corpo.)

Toda a hygiene do systema nervoso, das mulheres e dos homens dotados desse temperamento, está contida nessas linhas.

Orgãos respiratorios.—O ar é o alimento dos



JUDIAS AO POÇO, EM TUNIS

Cerebro e systema nervoso.—O cerebro tem por missão ou propriedade exclusiva:

1º receber todas as impressões exteriores, por meio dos nervos sensitivos (vida de relação por intermedio dos cinco sentidos) e internas pelos nervos da vida nutritiva;

2º fornecer a todo o organismo o influxo vital necessario para a sua função;

3º conservar a impressão das sensações recebidas (memoria), combinal-as (reflexão), e comparal-as (juizo).

Como não ha som sem corpo sonoro, assim tambem não ha função sem órgão.

Além disso, póde-se dizer com certeza que tanto vale o órgão quanto a função.

O espirito, a intelligencia, a vontade, a imaginação, o sentimento, a consciencia, todas as faculdades do *eu* se de-entvolvem pouco a pouco no cerebro, á medida que o corpo, creado pela fecundação, cresce e se aperfeiçoa.

A velha doutrina das idéas innatas ou preconcebidas já não é sustentavel hoje.

A Hygiene, isto é, a *Arte de viver* deve preoccupar-se sobretudo da educação do cerebro, centro e fóco da vida individual.

Foi o que fizemos nos capitulos precedentes.

Reconhecemos mais uma vez aqui essa bella maxima de Rabelais e Montaigne, que João Jacques Rousseau por vezes imitou e de outras vezes desnaturalou:

« Os exercicios do corpo e os do espirito devem sempre servir de recreação uns aos outros. »

O que equivale a dizer que aos exercicios intellectuaes, que constituem a gymnastica do cerebro,



JUDIA DE TUNIS

pulmões, um dos elementos do sangue.

Compõe-se de oxigenio, azoto, acido carbonico, vapores d'agua e todos os gazes, fluidos e emanações diversas que se produzem incessantemente na superficie da terra, d'onde resulta que o ar não é o mesmo em toda a parte.

Nos valles pantanosos, nas montanhas, no meio dos oceanos, no centro das regiões continentaes, nas cidades, no campo, a atmospheria tem uma composição e qualidades bem diferentes.

Temos necessidade de muito ar para viver: dez a doze mil litros por dia.

E' pois necessario tornar o ar facilmente accessivel aos nossos pulmões.

Os aposentos fechados durante a

noite, devem conter cerca de quarenta metros cubicos de ar por pessoa.

E' por essa razão que os quartos de dormir, tanto do rico como do pobre, não podem ter menos de quatro metros de altura.

Dous orgãos principaes servem para a respiração, a larynge e os pulmões, que são reunidos por tubos chamados bronchios.

E' necessario exercitar bem cedo a larynge das creanças por meio do canto, da declamação e da leitura em voz alta, evitando a fadiga e o excesso.

A musica vocal e instrumental deve ser ensinada como um ramo de gymnastica.

Quanto aos pulmões, esses, facilmente se atrophiám, sobretudo si não houver cuidado em habituar as creanças, os adolescentes e os moços a fazerem, de vez em quando, inspirações lentas, profundas e completas, em pleno ar.

Feche a bocca muitas vezes e aspire demoradamente o ar puro pelo nariz.

Prevenir-se-á muitas vezes por esse meio o desenvolvimento das molestias de frouxidão tão com-

...muns nas costureiras e todas as pessoas que traba-
ham curvadas para a frente.

Orgãos circulatorios.—As grandes fadigas mus-
culares, a subida de escadas, com a gula e os excessos
de toda a natureza, são as causas mais ordinarias
das molestias de coração.

Para poupar e conservar o centro circulatorio é
necessario viver, especialmente depois dos trinta e
seis annos, com a maior regularidade.

Orgãos digestivos.—Fallemos dos alimentos, das
bebidas e dos orgãos encarregados de digeril-os.

Alimentos.—O homem é omnivoro, como o cão,
como a gallinha.

Visto que come de tudo, o seu regimen alimentar
deve ser variado.

Alimentado exclusivamente de carne, ou de peixe,
ou de certas especies de legumes, de feculas, por



ESTRADA DE FERRO NA CIDADE DE BERLIM. — ESTAÇÃO CENTRAL DA RUA FREDERICO.

...exemplo, depauperar-se-ia e a raça acabaria por ex-
tinguir-se.

Um pouco de carne, outro pouco de peixe, ovos,
feculas, legumes diversos, fructos maduros, leite e
todos os seus derivados, manteiga, queijos e alguns
condimentos aromaticos (mostarda, pimenta, sal de
cosinha, etc.) em quantidades variaveis conforme as
estações, eis o que lhe convem para alimento or-
dinario.

Cumprae acrescentar que a carne deve ser cozida.
A carne crua é indigesta.

Fatiga o estomago, provoca a henteria e produz
solitarias.

As carnes sangrentas grelhadas e as carnes muito
esturradas produzem engorgitamentos do figado,
calculos biliares e areias nos adultos; nas creanças,
opilação.

(Continua)

DR. RICARDO C.

AS NOSSAS GRAVURAS

Familia arabe n'um café. — Judias em Tunis

Os recentes acontecimentos militares e politicos
atrahem a attenção publica sobre o Norte da Africa,
do Egypto até o Marrocos.

Até 1830, os paizes comprehendidos sob a designação
de *Regencias Barbarescas*: Marrocos, Algeria, Tunis
e Tripoli, serviam de esconderijo e de baluarte a gorsarios
que infestavam o Mediterraneo, praticando sobre
as navios europeos a mais desenfreada pirataria, levan-

do para seus portos os navios capturados, matando os que resistiam, vendendo os tripulantes e viajantes como escravos; as mulheres apressadas iam encher seus seralhos. Chegaram audazmente as vezes até as costas d'Hespanha, de França e d'Italia, saqueando aldeas sem defeza e levando prisioneiras as habitantes principalmente.

Os chefes d'estes paizes, deys, beys ou pachás negavam-se quasi sempre dar satisfação ás reclamações dos governos europeos.

N'uma occasião, o consul de França indo em pessoa, nos principios do anno de 1830, reclamar do dey d'Alger a restituição de navios de commercio, pertencentes a subditos francezes, e capturados pelos piratas, que os tinham vendido em Alger com os carregamentos, foi grosseiramente insultado pelo soberano no calor da discussão a respeito deste facto e de outros anteriores.

Os Kabylas, que habitam as vertentes do Atlas, pouco caso fazem dos Arabes, não fallam a mesma lingua e, todavia, cousa que só a religião explica, aprendem todos a ler e a escrever em Arabe, a ponto de ter perdido o uso do alfabeto que lhes era peculiar. As mulheres andam e viajam com a cara descoberta, ao contrario das mulheres arabes que tem sempre o rosto escondido por véos espessos.

Arabes, Mouros, Turcos e Judeos povoam principalmente o Sahel. Nas cidades predomina o elemento mourisco e judaico, porque os Arabes são antes nomades do que sedentarios, habitam debaixo de tendas, á maneira dos antigos patriarchas e, com ajuda de seus camellos e cavallos, mudam de um dia para outro á procura de pastagens para os rebanhos.

Os do Tell tem aldêas e habitações fixas, porque são agricultores e produzem principalmente trigo e azeitonas.

O israelita constitue um dos typos mais interessantes do Norte da Africa; sua incansavel actividade o torna indispensavel intermediario para o commercio e até para as mais delicadas negociações.

Nas cidades da Tunisia, as udiãs são as unicas mulheres que não encobrem o rosto. A sua belleza é as vezes deslumbrante durante a mocidade, isto é de 12 a 14 annos, esbeltas, graciosas, ademanes de uma rara distincção, realçada pelo traje rico e enfeitado de seda e de ouro, fazem a admiração dos estrangeiros, que tem occasião de encontral-as nos chafarizes ou poços publicos, nos bazares, porque ellas se occupam por si mesmas dos detalhes do serviço domestico. Mas, infelizmente, esta belleza é de curta duração; muitas vezes antes dos vinte annos, um desenvolvimento exagerado das fórmas, uma gordura excessiva destróe todos os seus attractivos, e é o prenuncio de uma velhice anticipada.

Estrada de ferro urbana em Berlim

Em 7 de Fevereiro ultimo, a cidade de Berlim assistio á inauguração de uma estrada de ferro urbana, que lembra os caminhos de ferro aéreos da cidade imperial de New-York. A sua extensão é de 11 kilometros; os trilhos são assentados n'um elevado viaducto de ferro, e os vagons passam em tal altura e as vezes tão perto das casas, que os moradores de segundo andar podem reconhecer facilmente os passageiros.

Ha quatro grandes estações, além de cinco pontos de parada.

Os edificios das estações são de granito e pedra lioz, cobertos de telhas e ornados de ardósia.

Entre as construcções monumentaes executadas em Berlim, durante os dez ultimos annos, a estrada de ferro urbana é sem contestação uma das mais engenhosas.

VARIEDADE

ENTRE O JANTAR E A SOGRA

INCIDENTE DOMESTICO

Personagens: — D. Gabriella de Andrade. — Paulo de Andrade. — D. Candida Duarte. — Um moleque.

SMÃO

SCENA PRIMEIRA

O MOLEQUE, D. GABRIELLA.

O MOLEQUE. — O jantar está na mesa. (Sac.)
D. GABRIELLA, fechando o livro que estava a ler e olhando para o relógio da mesa. — Seis e vinte... Como custa a passar o tempo! E Paulo sem vir... Noivo que não janta com a mulher, ou já não n'a estima, ou nunca a estimou. Mas a que devo attribuir esta tardança de Paulo? (Pausa.) Quem sabe si não o faz de proposito... para me ir affeioando, para que eu não estranhe mais tarde a sua demora e com o andar do tempo a sua completa ausencia? Quem sabe? Póde ser; tudo póde ser... Os homens são tão... tão... Ouço passos... é Paulo. (Levanta-se, adianta o relógio e compõe ao espelho uma carranca feroz. — Entra Paulo.)

SCENA II.

D. GABRIELLA, PAULO.

PAULO, pausando o chapéo n'uma cadeira e exugando o suor da testa. — Venho a correr... O ministro demorou-me na secretaria até as cinco horas. Saio, e imagina com quem esbarro logo frente a frente...

D. GABRIELLA, sem levantar os olhos. — E' ocioso a justificação; não lhe estou a pedir contas do emprego de seu tempo.

PAULO — Ciúmes! Pois já tens ciúmes?

D. GABRIELLA. — Nunca os tive; nem agora, nem antes. Não lhe pergunto de onde vem, nem o quero saber; sinto apenas que me obrigasse a esperal-o, sem jantar, até sete horas...

PAULO. — Seis e meia, aliás.

D. GABRIELLA. — Naquelle relógio são sete. Não teimarei contudo; mas a espera produziu-me dores de cabeça, póde sobrevir-me uma enxaqueca, uma febre de mau caracter... o que sei eu? posso até morrer.

PAULO. — Tens graças, realmente; tens muitissima graça. Ora agora porque eu me recolho cinco minutos mais tarde, jê te hei de vir encontrar morta, frio cadaver, envolta n'uma mortalha, as mãos cruzadas sobre o peito, e a eça ao pé... e os teus e os meus parentes á volta de ti chorando copiosamente... E os jornaes da amanhã registrando o teu obito desta singular maneira: «Falleceu hontem, ás seis e meia da tarde, a exma. Sra. dona Gabriella de Andrade, que esperava o marido para jantar. Crê-se geralmente que a sua morte fosse devida á tardança do sr. Paulo de Andrade. Nossos pezames a familia da finada.»

D. GABRIELLA, com dignidade. — Não lhe bastava a insolita indifferença; não lhe bastava o desamor — oh! não o tente negar! — que surpreendi no seu rosto desde esta manhã; é-lhe preciso ainda o escarneo, a ironia, a chacota... Sr!

PAULO. — Desconheço-a, D. Gabriella, sempre a conheci ajuizada e cordata. O nosso namoro, e olhe que perdemos nisso sete mezes, sra dona Gabriella, — correu placido e igual; e parecia que o casamento seria um prolongamento desses sete mezes... Vejo que me enganei; vejo agora, embora tarde, que as mulheres enquanto noivas escondem com extraordinaria habilidade a garra do tigre, que toda a mulher traz dentro em si...

D. GABRIELLA. — O que quer dizer?

PAULO. — Quero dizer que, si pesasse bem, prós e os contras, não me teria casado.

D. GABRIELLA, desatando a chorar. — Tem razão... Seria melhor que este martyrio inaudito...

PAULO. — Choras? Bonito! Quando eu entrei, recebeste-me com altiveza; da altiveza passaste á sobranceira; agora choras... e o que é melhor — choras sem razão, como as creanças, peor que as creanças... Porque, afinal, o que te fiz eu, fazes-me o favor de dizer? O que sei é que não posso resistir ás tuas lagrimas, meu bem, meu doce bem... Eis-me a teus pés: perdoa-me e vamos jantar, que estou com a barriga a dar horas.

D. GABRIELLA, encugando as lagrimas. — Entendamo-nos, sr. Paulo de Andrade: casámos ha apenas tres mezes; alguma vez lhe falei com o respeito ou com o affecto? alguma vez exigi mais do que lhe permitem as posses? átraíçoei-o? menti-lhe? excedi-me? Vamos, responda francamente.

PAULO. — Não... Mas a que vem tudo isso?

D. GABRIELLA. — Bem. Eu não n'o fiz; fel-o o sr...

PAULO. — Perdão... Raciocinemos com calma, e applicuemos ao meu caso o teu methodo das conclusões extremas. Suppõe por um momento que o bater das tres horas do relógio da secretaria achava-me já de chapéo na cabeça e descendo as escadas da rua. O que succedia? Não levava o ministro hoje a S. Chr. stavão um decreto urgente; o Imperador franziã-lhe a cara no conselho de ministros e em vez de ouvir as razões do chefe do gabinete punha-se a pintar bonecos com o lapis fatidico. Não era preciso mais nada: estava o ministerio demittido. Talvez que essa medida provocasse arruaças, conflictos, serios molins... o que sei eu? podia romper uma revolução, que se propagaria por todo o Imperio, que tomaria proporções assustadoras, que inundaria de sangue as ruas da cidade e que afinal S. M. a emmalar as suas pingas, a sua politica e o seu sanscrito e ir pedir asylo á bandeira da Inglaterra. E tudo isso porque o bater das tres horas do relógio da Secretaria pilhava-me de chapéo na cabeça e descendo as escadas da rua.

D. GABRIELLA, indo a sair. — Basta de zombaria, sr!...

PAULO, tomando-lhe a mão. — Deixa-te disso, e façamos as pazes, sim? O que lá vai, lá vae... Este meu genio brincalhão, que não toma nada ao serio!...

D. GABRIELLA. — Deixa-me... E sinceramente lhe confesso que estou mais que arrependida de me ter casado...

PAULO. — Ah! o caso é esse? Estás firmemente resolvida a levar tudo a ferro e a fogo? Pois bem; seja. (Enterra o chapéo na cabeça, põe a capa no braço, e brandindo a bengala com gestos abundantes.) Neste caso proclamô o nihilismo ao meu lar domestico, e vou jantar ao hotel! — Abaixo a tyrannia! Abaixo S. M. El-Rei Casamento! (Corre para a porta, e esbarra com D. Candida.)

PAULO, tirando o chapéo; á parte. — Minha sogra!...

SCENA III

OS MESMOS, D. CANDIDA.

D. CANDIDA, a Paulo. — O que é isto? (A' filha) O que foi?

PAULO. — Nada. Sua filha está com uma forte enxaqueca.

D. CANDIDA. — Está com uma forte enxaqueca, e o sr diz que não é nada?!... (Indo á filha e tomando-lhe as mãos.) O que tens? Choraste? Mas o que foi, dize?

PAULO. — Não se assuste... A enxaqueca hoje deu-lhe para chorar... Chorou muito... Não tem feito outra coisa desde que entrei...

D. CANDIDA. — Por certo... ha alguma razão occulta. Não se chora sem razão, maiormente Gabriellinha que nunca chorou em solteira...

PAULO. — Perdão! Parece-me que a sra não é perfeita-mente verdadeira... quando nasceu... em pequena... quando andava de mama... quando lhe appareceram os dentes... E no proprio dia de nosso casamento... ao entrar na igreja chorou... E a sra tambem chorou abundantemente... copiosamente... torrencialmente... contudo não direi que a sra se transformou no chafariz do Lagarto...

D. CANDIDA. — Oh! é demais, Sr! E' abusar indignamente da fraqueza de duas pobres mulheres! Depois da filha, a mãe. Duas victimas! Sim, duas victimas da sua prepotencia, da sua tyrannia...

PAULO. — Protesto, protesto energicamente contra as suas palavras... Si aqui ha alguma victima, não é por certo a Sra., nem minha mulher: sou eu! Fermitta-me pois que lhe offereça uma pequena errata: onde disse duas victimas, entenda-se dous algozes e uma só victima...

D. CANDIDA, enfurecida. — O Sr. falta-me ao respeito! Não ficarei mais uma hora em sua casa...

PAULO, á parte Que pechincha!

D. CANDIDA. — Volto para a Pavuna e aqui não porei nunca mais os meus pés... (sentu-se a chorar).

PAULO. — Não digo menos disso; longe de mim a idea de dissuadir-a do seu intento, que é nobilissimo e hygienico, altamente hygienico... Os ares da Pavuna são magnificos... e fazem-lhe muito bem, abrem-lhe o appetite e dão-lhe côres... Sim, porque isto no fim de contas é uma simples questão de côres... Oleo de figado de bacalhau e ares da Pavuna, minha senhora; oleo de figado e Pavuna... (Mudando de tom.) Agora um conselho, Sra. dona Candida; um conselho do amigo. A Sra. é tres vezes sogra aqui, em Macahé e na Pavuna. Macahé é um respiradouro da Pavuna, assim como a côrte é um calmante de Macahé. A Sra. e em geral todas as sogras são para a harmonia da familia o mesmo que a Inglaterra é para o equilibrio europeu. Si por acaso surge uma divergencia entre duas potencias, tudo se arranjará pelo melhor comtanto... comtanto que a Inglaterra não intervenha. E' o que succede precisamente na familia...

O MOLEQUE, da porta. — O jantar está na mesa.

PAULO, á mulher. — Olha, eu era doido pelo theatro lyrico; conheço quasi as operas e ouvi as maiores celebridades do canto. Amei todas as cantoras que ouvi, bonitas ou feias; sempre me pareceram creaturas bellas e divinos... Mas de uma vez foi morar para o 2º andar da minha casa uma cantora do lyrico. Mal rompia o sol, abria a minha visinha o piano e agora o vereis... passava horas interminaveis, dias inteiros e medonhos a estudar, a repisar, a vencer as divinas difficuldades com que á noite devia enthusiasmar a multidão. Aquillo enfatiou-me; nunca mais fui ao lyrico. Comprehendeste? A cantora ou não deveria estudar ou não deveria ir morar para o 2º andar da minha casa. Pois como a cantora és tu e são todas as mulheres: á força de nos martellarem a paciencia com uns ciúmes sem fundamento, acabam despertando em nós um sentimento de repulsão pela vida de familia. — Basta de moral, vamos jantar (A' sogra) E a Sra parte... ou antes partamos todos para a Pavuna... com escala pela casa de jantar.

ANTONY.

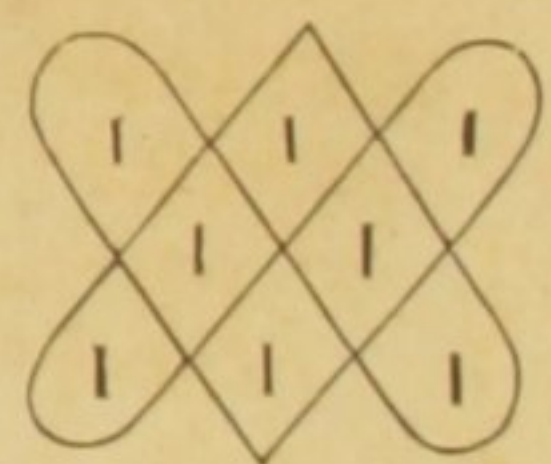
HORAS DE OCIO

O premio dos ultimos problemas foi ganho pelo decifrador que assignou D. Rosinha, pode pois mandar procura-lo. Eis as decifrações.

Ao Metegramma

Pato, Paio, Pavo, Pago, Paco, Pano, Papo.

Phantasia geometrica



Ao problema arithmetico

a primeira caixinha tem.....	160
a segunda " "	198
a terceira " "	38

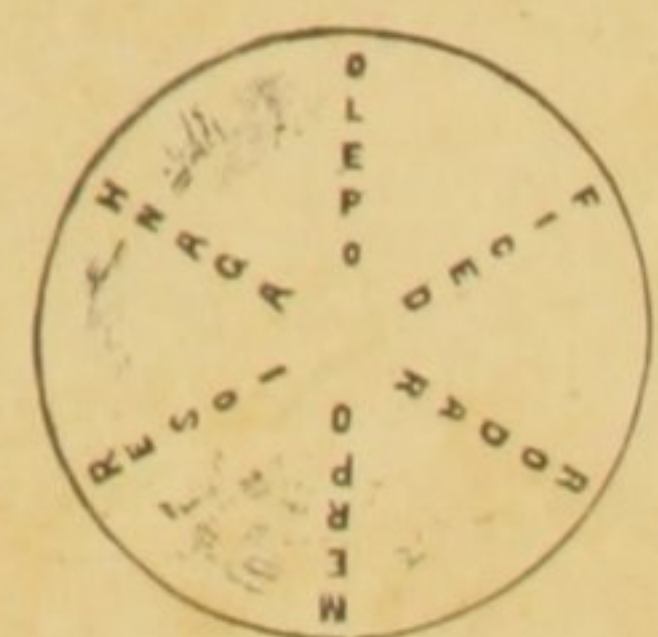
Para os decifradores dos problemas seguintes reservamos um romance encadernado.

52. Synonimos

Para as nove palavras seguintes procurai synonimos de forma tal que as iniciaes das palavras achadas formem o nome de uma cidade da provincia do Rio de Janeiro.

Preto, Caboclo, Face, Vocabulo, Costume, Sinistro, Recife, Gardo, Mosquito,

53. Circulo cryptographico



54. Recreio arithmetico

Com os dez algarimos 0 a 9 escrevei cem.

NEMO

N. B. — Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a Nemo no escriptorio desta folha.